

Economia e recuperação moral

SÉRGIO CARDOSO DE ALMEIDA

O deputado Guilherme Afif lançou a idéia de uma revolução da pequena burguesia contra a estrutura da "Corte", a maior responsável por todas as irregularidades administrativas, políticas e financeiras acontecidas no Brasil. Já o padre africano São Cipriano, criticando os governantes romanos, dizia: "Vós vos queixais de fracasso nas colheitas e de fome; no entanto, a maior fome não é produzida pela seca, mas pela rapacidade".

Com os cofres vazios, a "Corte" de Brasília se desentende. Como são sempre os mesmos, pulando de partido em partido, de acordo com as conveniências do momento, pretendem controlar a burra nomeando o homem que, teoricamente, carrega consigo a chave do cofre: o ministro da Fazenda. Agora que o dinheiro acabou, por ausência de créditos externos e também porque a nossa esquálida economia não comporta mais compulsórios, surge no Oriente uma nova esperança de alívio financeiro. Como todos estão de olho

nos bilhões de dólares prometidos pelo Japão, é nessa hora que devemos precaver e defender os interesses do povo brasileiro. Quando esse dinheiro chegar, devemos torcer para que sirva para ajudar a pequena burguesia do Afif e não aconteça o condenado por São Cipriano.

Para concretizar essa última esperança de restauração do nosso desenvolvimento, impõe-se um ministro da Fazenda de mãos fortes, caráter firme, justo, sério e sem amigos para ajudar, ou políticos para favorecer. Os que já foram ministro da Fazenda ou do Planejamento nos governos anteriores não merecem confiança para gerir o dinheiro japonês. O uso do cachimbo faz a boca torta e houve quem apertou o povo, virou banqueiro em troca de favores oferecidos e ainda assim fracassou. Também houve quem criasse condições extraordinariamente fáceis para a indústria do café solúvel enriquecer nababescamente, sem um mínimo de risco no negócio. Isso sem contar o socorro indevido à rede de supermercados que estava em

dificuldades e transformou-se, também sem risco, numa fortuna inimaginável. Todos eles privilegiaram empreiteiras de obras de acordo com sua vontade e a generosidade característica de quem não lida com dinheiro próprio e sim do povo. O desastrado Funaro, que desarrumou toda a economia brasileira, saiu não pela desordem que provocou, mas sim pelos interesses de grupos palacianos que deixou de atender. Pela sua ojeriza em facilitar determinados negócios, ganhou, no Planalto, um apelido que em nada o diminui: "Freirinha".

Vamos esperar que o ministro Bresser Pereira seja o homem firme, sério, sem amigos e surdo aos pedidos políticos, para que sua ação, afinal, resulte em benefícios para os pequenos burgueses e para os trabalhadores em geral, com esse dinheiro que ameaça vir aí. A revolução do Afif e as palavras de São Cipriano exigem, enquanto ainda há tempo, uma urgente recuperação moral dos condutores da política econômica da Nação.